

LIEV TOLSTÓI

“De quanta terra precisa um homem?

E outras histórias”

Surpreendeu-me esta obra de Tolstói pela sua leveza e tendência para, o que muitos classificam como não Literatura e não apreciam: autoajuda. Comentei outras vezes que todo livro, texto, filme que nos impulsiona para o progresso espiritual e/ou material está auxiliando o leitor ou o espectador a se melhorar.

Através de bons, interessantes e não longos contos, o autor nos distrai e em cada um dos quatro que compõem o livro, destaca uma qualidade que o ser humano deve ou deveria ter.

No primeiro deles “Do que vivem os homens”, após interessante narrativa cujo final não imaginei nem qual seria a mensagem principal, ele fala que se vive de Amor. Penso que não seja necessário dissertar sobre a essencialidade de “querer bem” o nosso semelhante. Nem sempre tão semelhante.

A seguir temos o “Três perguntas”. Um rei pensou que: “se ele sempre soubesse a hora certa de começar tudo; se soubesse quais as pessoas certas a quem deveria dar ouvidos e quais a evitar; e, acima de tudo, se sempre soubesse qual era a coisa mais importante a fazer, ele nunca fracassaria em nada que se propusesse a fazer”. Como ninguém da Corte deu respostas que convenceram o monarca, ele procurou um sábio que morava em um bosque. Chegando lá, o ermitão cavava a terra aparentando muito cansaço. Ele fez as três perguntas e se ofereceu para ajudá-lo. Nisso um homem apareceu correndo e com um ferimento na região do estômago. O rei e o ancião trataram do seu machucado e, chegando a noite, levaram-no para dentro da cabana. Noutro dia, o ferido pediu desculpas ao rei, porque pretendia matá-lo para vingar a morte do irmão, porém que os seus guarda-costas o reconheceram e o atacaram. Novamente o soberano fez as perguntas, ao que o Mestre respondeu: ontem quando você passou a fazer os canteiros para mim, esse foi o instante mais importante, eu era o homem mais importante e você auxiliar-me foi a atitude mais importante, mesmo porque se tivesse seguido o seu caminho, poderia ser morto. Já quando cuidou do ferimento do seu pretense agressor foi o momento mais importante, pois, se ele morresse, vocês não teriam feito as pazes. De forma que, naquela hora, ele era a pessoa mais importante e o seu trabalho foi a atitude mais importante. “Portanto, lembre-se: há somente um, apenas um e tão somente um momento mais importante... Agora! Porque é a única em que podemos fazer alguma coisa”. Ou seja: “o homem mais necessário é aquele que está com você nesse momento...” E a coisa mais louvável e significativa é sempre fazer o Bem – principal intuito da Vida.

No terceiro conto: “A cafeteria de Surat”, Liev Tolstói narra uma discussão entre os presentes, representantes de diferentes raças, com vivências particulares. Cada um fala o que pensa sobre o Sol, querem caracterizá-lo com inúmeras argumentações baseadas em sua Fé. Ao ser consultado, um filósofo chinês conclui: “Com relação à fé, é o orgulho que leva a equívocos e a discórdias entre os homens. Assim como o sol, assim também é Deus. Cada um ou cada nação quer ter um Deus para si”. Concluindo: Deus, para o autor, é aquele que está escrito no coração de cada um. Para ilustrar e apontar uma ligação entre esse pensamento e a Ordem Rosacruz, os seus Membros costumam orar “Deus dos nossos corações”! O texto é encerrado chamando-se a atenção para se evitar o preconceito com as pessoas que pensam diferente, devido aos seus conhecimentos e, em especial, quanto à sua Fé.

A última história do livro que leva o seu nome, trata da Ganância descabida pelas coisas materiais. O personagem queria cada vez mais terras, andava por onde diziam haver campos bons e baratos, adquiria-os, porém nunca era o suficiente.

No final morreu de tanto esforço físico, e certamente também mental, e foi enterrado deitado em uma sepultura de um metro e oitenta.

Cezar A.S. Batista

(Magnus Benefactor)

Março/2026